

“ROMPENDO COM O PASSADO”: LINGUAGENS POLÍTICAS E MODERNIDADE NA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO NA CRISE DO IMPÉRIO, 1870-1880.

Karulliny Silverol Siqueira

(Doutora em História Social das Relações Políticas/ UFES)

Resumo:

As últimas décadas do Império brasileiro foram marcadas pela crítica ao regime monárquico e pela propaganda republicana. Este estudo tem por objetivo discutir a articulação dos conceitos de *modernidade* e *progresso* em meios aos jornais que circulavam na província do Espírito Santo durante a difusão dos elementos precursores da *República*, utilizando, por exemplo, termos como *ciência*, *razão* e o *progresso*. A análise proposta visa problematizar a experiência histórica do tempo, bem como a percepção da modernidade atrelada ao conceito de República, auxiliando a imprensa durante o período de crítica ao Império.

Palavras-chave: República; modernidade; imprensa

Abstract:

Brazilian Empire's last decades were marked by the criticism towards the monarchy regime and by republican propaganda. This study aims at discussing the *modernity* and *progress* concepts articulation in newspapers that used to circulate in Espírito Santo's province during the diffusion of Republic pioneer elements, using, for example, terms like *science*, *reason* and *progress*. The proposed analysis aims at problematizing the time historical experience, as well as the modernity perception tied to the concept of Republic, assisting the press during the Empire criticism period.

Keywords: Republic; modernity; press

A experiência histórica e as visões da modernidade

A chamada experiência histórica do tempo pode ser identificada nos mais diversos períodos históricos. A concepção da “modernidade” trouxe ao olhar humano a possibilidade de diferenciar o “velho” e o “novo”, e, na maioria das vezes, o rompimento com o passado. Para Ortega y Medina a origem do termo modernidade, tal como entendemos, remonta ao período que vai do século XVIII ao XIX, sendo possível identificar as oscilações na semântica do conceito a partir da análise do vocabulário do período. Gullermo Padilla, ao indicar as premissas da proposta de Ortega y Medina, destaca que a noção de modernidade ali representada está intimamente relacionada ao conceito de experiência. Neste sentido, a modernidade passa a ter uma significação que vai além do “novo”, integrando a possibilidade de uma experiência inédita, que não se assemelha aos momentos anteriores (PADILLA, 2008, p. 7). Esta distinção entre passado e futuro na modernidade foi brilhantemente explorada por Reinhart Koselleck (2006) em sua história dos conceitos. Por meio das terminologias denominadas “experiências” e “expectativas” que são, na visão do autor, as bases do tempo histórico, o teórico alemão apreendeu diversos significados para determinados conceitos, como *História*, ou *Revolução*. Esses conceitos abrigariam em si diversas camadas temporais, indicando a construção de determinado termo e seus re-significados ao longo do tempo (KOSELLECK, 2006, p. 14).

Para o Brasil oitocentista, a obra de Valdeci Lopes Araújo (2008) torna-se central na interpretação das transformações da experiência temporal. O autor enfatiza a descontinuidade conceitual que ocorreu no Brasil do início do século XIX. Por meio da investigação de termos como “história”, “restauração” e “regeneração”, o autor destaca a percepção entre passado e futuro no discurso de intelectuais que tiveram importante papel na formação do Brasil Nação.

A historiografia que aborda a análise da experiência histórica pode ser percebida em obras que identificaram diferentes temáticas e recortes temporais. Alguns conceitos em tornaram-se objetos de profunda observação dentro da perspectiva das temporalidades históricas. Este é o caso do termo *Renascimento*, que ao ser discutido por autores como Huizinga (2010) e Panofsky e Balseiro (2004), tornaram evidente a cronologia inerente à trajetória deste conceito dentro da tradição historiográfica, apontando suas experiências históricas ao longo do tempo. Enquanto

o holandês Joseph Huizinga ressaltou a vertente estética ligada à discussão renascentista e as inconsistências existentes dentro deste conceito, Panofsky e Balseiro defendeu a existência de diversos renascimentos e de um Renascimento Italiano de fato, demonstrando o período como o momento em que ocorre a “distância reflexiva” com a antiguidade, fazendo com que o mundo antigo perdesse proximidade, passando a produzir uma nostalgia apaixonada (PANOFSKY; BALSEIRO, 2004).

A caracterização da experiência histórica e a relação com a modernidade foi também assinalada por Walter Benjamin (2000), que ao destacar a as diferenças entre a França boêmia, permeada por discussões em cafés, exaltou uma visão negativa da modernidade demonstrando Baudelaire, poeta e frequentador desta sociedade, como sujeito que percebe a sociabilidade francesa aniquilada pelas práticas da modernidade. Por meio da figura do *flâneur*, Walter Benjamin destaca os malefícios do capitalismo ao jogar a literatura no âmbito das mercadorias, onde o próprio *flâneur* seria a personificação da resistência diante da nova experiência do tempo: a modernidade.

No caso brasileiro, as inquietudes de intelectuais e literários sobre a modernidade também se fizeram pano de fundo para a discussão promovida por Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão* (1985). Nesta obra autor destaca a ação de Lima Barreto e Euclides da Cunha nos anos iniciais da primeira República no Brasil. Sevcenko encontra semelhanças e diferenças entre os dois autores, assinalando a aversão de Lima Barreto diante das maiores discussões que surgiam no período, enquanto indica Euclides da Cunha como atuante no debate que valorizava a ideia de civilização e modernidade (SEVCENKO, 1985, p.13).

Durante o século XIX, portanto, pode-se dizer que a imprensa representou lócus profícuo para discussões acerca da experiência histórica e dos ensejos sobre a modernidade. Desde o início do oitocentos os periódicos passaram a estampar críticas políticas, e, sobretudo, tornaram veículos dos principais projetos políticos divulgados no processo de independência e no período da Regência.

A imprensa e a linguagem da modernidade: o caso da Província do Espírito Santo

Na maioria das vezes, esses periódicos se apresentavam como imparciais ou apenas como críticos do sistema político em vigência. Seus conteúdos literários e as correntes filosóficas que difundiam não deixavam dúvida sobre as mudanças que seus redatores propugnavam. As chamadas “novas ideias” se traduziam nos jornais por meio de termos como *progresso*, *democracia*, igualdade, *ciência*, *futuro* e *razão*. Tal como Maria Tereza Chaves de Mello (2007), consideramos que a divulgação de novo vocabulário propiciou a formação de certa *cultura política democrática* em fins do século XIX. Se a autora afirma que os jornais e revistas fizeram os indivíduos da Corte experimentarem a oposição entre passado e futuro, notamos que na Província do Espírito Santo colocava-se em marcha certa transformação da cômoda posição moderada da elite local.

Por meio da literatura e dos escritos dos jornais publicados no Espírito Santo oitocentista, pretende-se aqui discutir alguns pontos principais em meio ao debate político vigente no período de crise do Império. A década de 1870 marca a formulação de um pensamento crítico, que posteriormente será a base de ataque ao regime monárquico brasileiro. Deste modo, foi por meio da experiência histórica e da assimetria entre os conceitos de *Monarquia* e *República*, que a difusão da civilização e da modernidade ganhou espaço na propaganda da crise do Império. Desta forma, de que modo os jornalistas e políticos do século XIX pensaram a modernidade para a província do Espírito Santo? Qual era o passado a ser rompido e qual a experiência histórica de tempo foi adquirida com os percalços da Monarquia?

Diferente da Corte, a história política do Espírito Santo no século XIX é pautada nos desdobramentos vivenciados a partir da década de 1860. Somente a partir desta década, as denominações *liberal* e *conservador*, se tornam visíveis na política. A delimitação das identidades partidárias teve como meio de interlocução a explosão da imprensa política, evidenciada pelo aumento da produção de jornais durante esta década. Até esta data, a política capixaba não havia adentrado as tipografias, e os debates políticos na província eram marcados por grupo sem conotação ideológica, os chamados *Dionisianos* e *Capichabas*.¹

¹ O fato torna-se instigante a medida que se percebe a existência dos jornais já em circulação desde a década de 40, mas que só se tornam *locus* de discussão política vinte anos mais tarde, em 1860. Torna-se bastante evidente que o jornalismo político acompanha o mesmo processo de maturidade pelo qual passam os grupos políticos no Espírito Santo oitocentista. A ideia da década de 1860 como nascimento de uma imprensa de opinião política é a hipótese principal do nosso estudo anterior, intitulado: *Os Apóstolos da Liberdade contra os Operários da Calúnia A Imprensa Política e o parlamento no embate entre Liberais e Conservadores na Província do Espírito Santo, 1860-1880*.

Desde a década de 1860 emergia em todo Império brasileiro grande produção intelectual, e talvez a maior em todo o período oitocentista, ligada aos debates políticos e ao questionamento das instituições monárquicas.² No Espírito Santo, o período se mostrou profícuo não só ao debate político, mas também inaugurou um *espaço público*³ diferenciado partir das discussões manifestadas pela imprensa política local, deixando para trás as denominações políticas pessoais de outrora. No entanto, foi na década de 1870 que o debate sobre a crise do regime imperial tomou fôlego, assim como a questão escravista e religiosa. São as chamadas “novas idéias” como destacou Silvio Romero, que permearam as discussões na imprensa, nos livros e nos espaços de sociabilidade que se colocaram a pensar uma nova identidade para o Brasil que culminaria no novo regime. Para Alonso (2009, p. 89), a geração de 70 se concentrou na discussão de temas centrais sobre a reforma da ordem sociopolítica colonial do passado, com o foco na escravidão e na monarquia.

As décadas finais do Império se situam, como já dito, inseridas em período profícuo ao embate entre diversas correntes de pensamento. De acordo com a caracterização feita por Roque Spencer de Barros, esta geração de intelectuais foi marcada pelo confronto entre três matrizes intelectuais distintas: a mentalidade *católico-conservadora*, a *cientificista* e a *liberal*. Nesse processo de debates entre correntes de pensamento estavam inseridas algumas instituições que foram responsáveis pela interlocução de ideias, são elas a maçonaria, que estava ligada a corrente liberal, e Igreja Católica, que demonstrava sua identidade ao pensamento conservador (BARATA, 1994, p. 79).

Com o objetivo de analisar os projetos de república inseridos posteriormente na província, como também a propaganda da crise do Império, torna-se necessário destacar o cenário político das últimas décadas do século XIX na província do Espírito Santo. Evidenciam-se aqui alguns debates inseridos neste contexto, que por meio de instituições ou da imprensa, tornaram possível a entrada das novas ideias na província. Dentre os veículos de divulgação e questionamento do regime monárquico destaca-se a própria imprensa política e a inserção dos jornais

² Como assinala José Murilo de Carvalho, a década de 1860 se mostrou rica em produção política. Exemplo de obras deste tipo foram escritas por Tavares Bastos e Visconde do Uruguai (CARVALHO, 2007, p. 375).

³ O conceito de “espaço público” é entendido aqui de acordo com as concepções de Guerra e Lempriere (1998).

“democráticos”, e a Maçonaria, que atuaram como portadoras das novas ideias de racionalismo, liberdade religiosa, liberdade de pensamento, e a liberdade em seu sentido mais puro naquele contexto: a abolição da escravidão. No entanto, neste estudo a análise se voltará para a divulgação das ideias de progresso e modernidade inseridas nos jornais da época.

A chegada da imprensa democrática: a linguagem da modernidade

A imprensa capixaba que atuou durante a década de 1870 mostrou-se mais diversificada com relação a tendências políticas quando comparada a década de 1860. Do universo de dezesseis periódicos que surgiram nesse período, apenas três estampavam a bandeira liberal, e somente dois se denominavam conservadores. Fato interessante foi a caracterização de alguns jornais como “órgão democrático”, como foi o caso da *Gazeta do Comércio* de 1876, *O Echo dos Artistas*, de 1877, e da *Gazeta da Victória*, publicado em 1878, *A idéia* e o próprio *Sete de Setembro* redigido pelos alunos do Atheneu.

É necessário que se problematize e se caracterize esses jornais “democráticos”, indicando as ideias propagadas, além da atuação de seus principais redatores. A modificação dentro das tipografias surgiu de um grupo de homens que viu na queda do gabinete conservador, e, na própria dissidência entre os liberais, a momento perfeito para a exaltação de novos ideais.⁴ Ao longo da trajetória dos jornais torna-se perceptível o perfil sócio-político destes novos redatores “democráticos”.⁵ Esse grupo composto por poucos publicistas abrigou capixabas e membros de fora da província. Entre os principais redatores “democráticos” destacamos aqui a atuação de José Joaquim Pessanha Póvoa, Tito da Silva Machado, Afonso Cláudio, José de Mello Carvalho Moniz Freire, Cleto Nunes, Candido Brizindor, Joaquim Lyrio, Aristides Freire, Amâncio Pereira.⁶ Estes seriam

⁴ Na província, constata-se ainda que a ano de 1878 se mostrou tumultuado que se relacionava às eleições para Senador. Christiano Ottoni entrou na disputa pela província, enquanto alguns políticos do Sul, como Bernardo Horta, pareciam denunciar a necessidade de que um capixaba “legítimo” ocupasse a vaga.

⁵ Para José Murilo de Carvalho, na década de 1870 os simpatizantes de ideias republicanas não faziam distinção entre os termos *república* e *democracia*. Portanto, acredita-se que os jornais denominados “democráticos” já se relacionem com o ideal republicano embrionário CARVALHO, 2007, p. 145).

⁶ O debate contra os conservadores ocorreu no jornal *A Actualidade*.

os primeiros nomes do jornalismo que inaugura a crítica ao regime, e que, posteriormente, assinariam os periódicos republicanos.

Antes de se estabelecer na província capixaba, o redator Pessanha Póvoa teve destaque na província de São Paulo na década de 1860 durante seu curso de Direito. Era o editor e criador da *Revista Dramática*, uma das poucas publicações paulistanas que se dedicava somente ao teatro. Joaquim Pessanha Póvoa idealizava a produção teatral em seus mais variados aspectos e afirmava que [...] *No estado atual das coisas dois elementos podem salvar nossa pátria da apatia em que vegeta, da futura vergonha que virá cortejá-la: é a literatura e a revolução [...]*.⁷

Por volta de 1875 alguns jornais passam a circular na província do Espírito Santo trazendo alguns novos conceitos e ideias diferentes das que eram tradicionalmente propagadas nos periódicos liberais e conservadores. Dentre os novos termos utilizados na linguagem política destas folhas, se via agora a presença do *progresso*, da *ilustração*, e da *ciência*. Este conjunto de jornais que se autodenominavam “*democráticos*” construiu o pano de fundo para a difusão de nova *cultura política* que possibilitou a permeabilidade da propaganda republicana na década de 1880 e a destruição do aparato conceitual que antes era propagado pela Monarquia. As chamadas ‘novas ideias’ se traduziam nos jornais por meio de termos como *progresso*, *democracia*, *igualdade*, *ciência*, *modernidade*, *futuro* e *razão*. De acordo com Maria Tereza Chaves Mello (2007), a divulgação de novo vocabulário propiciou a formação da *cultura política democrática* e científica no fim do século XIX. Para a autora, foi por meio dos jornais e revistas que os indivíduos da Corte passaram a experimentar o processo histórico que colocava em oposição o *passado* e o *futuro*.

Nas últimas décadas do Império, e, sobretudo, no momento da crise de legitimação do governo, ocorreu grande modificação na linguagem política que se utilizava em jornais e revistas. Nos estudos feitos para a Corte, tornou-se evidente a ampliação do vocábulo *república*, que passou a sintetizar a ideia de *futuro*. A *república* passa a expressar uma diversidade de significados, como o *progresso* e *liberdade*. Neste sentido, *república* e *monarquia* passam a ser conceitos opostos. A relação dicotômica entre os dois termos acabou compondo um par antônimo

⁷ Fragmento escrito por Pessanha Póvoa. *Revista Dramática*, n. 6, 10 de junho de 1860, p. 22. In *Revista Dramática*: São Paulo, 1860. São Paulo, EDUSP, 2007, p. 2-58.

assimétrico⁸, o que a autora explora com recurso de persuasão dentro da propaganda republicana.

Estudos de Maria Tereza Chaves Mello (2007) feitos para o Rio de Janeiro também nos ajudam a analisar o novo vocabulário político proposto pela imprensa da província do Espírito Santo no fim da década de 1870. Nos cabe investigar como se deu a difusão dos novos conceitos, e sobretudo, observar como a *república* foi conceituada pelos monarquistas como a conquista do futuro e da modernidade.

A nova imprensa provincial: a onda do *progresso*

O primeiro jornal que iniciou a discussão do conceito *progresso* surgiu em Itapemirim em 1875. Criado em janeiro daquele mesmo ano, *O Operário do Progresso* (PEREIRA, 1926, p. 39), se colocou como combatente ao analfabetismo, e trouxe ainda um viés moderno ao tratar de ciências, artes e da indústria. Com a epígrafe *Knowledge is power- Ciência é poder*, o jornal saía aos domingos, e tinha como redatores principais Augusto Pereira Cesar e José Feliciano Horta de Araújo. Neste periódico escreveu Joaquim Pessanha Póvoa, José Feliciano Feital (um dos fundadores da Loja maçônica). As denúncias no jornal eram tão garves que acabavam na esfera jurídica. Pessanha Póvoa foi chamado várias vezes para dar explicações sobre os ataques feitos aos conservadores coronel Mascarenhas e a Basílio Daemon. Outro de seus colaboradores, Benjamim Pereira da Graça foi condenado por crime de injúrias com pena de seis meses. Após esse fato, o jornal sofreu forte censura, e também por motivos financeiros acabou fechando.

Ainda em 1876 surgiu mais uma folha que trazia no título um forte conceito a ser debatido na província. Era *A Liberdade*, que ao ser criado por José Mello Carvalho Moniz Freire e Candido Vieira da Costa, atestou que o objetivo deste órgão era o desenvolvimento também da *ciência*. No entanto, foi o *Echo dos Artistas* que introduziu de forma explícita a idéia da democracia e do progresso. Em seu programa exposto em 2 de dezembro de 1877 lia-se:

Sou filho do trabalho, venho do seio da **democracia**, meu leito é a enxerga da classe que represento, escudo-me na idéia de **progresso** e tenho por desideratum- fazer respeitar as leis da **civilidade**, vigiar no cumprimento das no país, aniquilar o vicio e

⁸ Para analisar a semântica dos conceitos políticos deste período histórico, a autora utiliza as bases metodológicas da História dos Conceitos assim como proposto por Koselleck (2006).

engrandecer as virtudes (O ECHO DOS ARTISTAS, nº1-02/12/1877).

O *Echo dos Artistas* deixou claro a seus leitores que julgaria qualquer ato público ou particular, e tentaria diminuir a desigualdade entre os homens. Em seu corpo de redatores mais uma vez aparecem Afonso Cláudio, Cleto Nunes, Cândido Brizindor, acompanhados de Joaquim Lyrio e Pedro Lyrio. O jornal se tornou tão violento, que sua publicação foi suspensa. O conceito de *democracia* passa a ser evidente na linguagem política que vigora entre os redatores a partir de 1878. As falas de Basílio Daemon, redator conservador, acusam os opositoristas liberais de terem se rendido à novas concepções políticas que não as pertenciam até então. Para o *Espírito-Santense*, eles eram os “*homens sem crença política, definida, sectários de uma idéia nova e de uma democracia moderna*” (O ESPÍRITO-SANTENSE, nº85- 22/10/1879.). O ideal de democracia era motivo de sarcasmo nas publicações da folha conservadora.

O ecletismo espiritualista no Império e na Província

Por meio do estudo dos jornais que circulavam no fim da década de 1870 torna-se perceptível o conflito de ideias e de projetos políticos na província do Espírito Santo. Pode-se dizer por meios destes periódicos e pelas discussões ocorridas em algumas instituições como a Maçonaria identifica-se pelo menos três modos de pensar a sociedade no espaço provincial. Estas correntes de pensamento se basearam no Ecletismo Espiritualista, no positivismo embrionário discutido pelos maçons e pela nova elite intelectual e, em uma terceira vertente, que discutia a manutenção na monarquia por parte dos partidos liberais e conservador.

A influência da corrente filosófica denominada *Ecletismo Espiritualista* chegou a província por meio da redação do jornal *A Idéia*. O primeiro número saiu em 1 de setembro de 1878, intitulado órgão da mocidade e trazendo como epígrafe a frase em latim: *Ubi concordia, vitoria semper*. Este jornal contou com a colaboração de Afonso Cláudio em sua redação, ainda no período anterior a sua saída da província para a os estudos de Direito na Escola de São Paulo e Recife.

O semanário literário *A Idéia* acolheu grandes nomes da literatura capixaba e aglutinou os primeiros ideais de progresso e razão dentro da província. As publicações estavam repletas de conceitos assimétricos, como, por exemplo,

progresso e ignorância; assim também como conceitos simétricos, identificados nos termos como *civilização e ciências*; ou também *indústria e maquinismo*. De fato, o jornal pregava que a luz do progresso era na verdade a única possibilidade de civilização para a província do Espírito Santo, e que para tal objetivo, era necessário o desenvolvimento da instrução pública.

A ilustração se mostrava como fator pedagógico, posto que “o povo quando ignorante está nas garras do fanatismo”, cabendo à instrução a tarefa de tornar o povo crítico. A linguagem deste jornal também se destaca como inaugural dentre as linguagens políticas que percorreram os periódicos provinciais ao identificar a *razão* como o maior auxílio de poder do homem, afirmando que “o espírito não ilustrado, leva o homem pelos maus instintos”. Dizia o periódico que a instrução possuía uma utilidade imprescindível, pois em ela: “o homem não é mais do que um mendigo esmolando o pão da caridade pública”, e somente a razão e a ilustração poderiam retirá-lo de tal estado (*A IDÉIA*, nº8- 20/10/1878).

Embora não seja possível caracterizar somente uma corrente de pensamento dominante para o século XIX, segundo Maria Tereza Chaves Mello (2007), o *ecletismo espiritualista* pode ser considerado um dos pilares do Império, junto à escravidão, ao romantismo, ao catolicismo e ao regime de privilégios da monarquia. Contudo, foi o romantismo que pareceu ser o encaixe perfeito para que o ecletismo espiritualista ganhasse destaque como filosofia oficial no Brasil durante a primeira metade do século XIX. Este racionalismo vinculado a ilustração penetrou de forma muito intensa na elite intelectual do Império na década de 1870, o que fez com que Roque Spencer Maciel de Barros (1959), denominasse a famosa Geração de 70 como “Ilustração Brasileira”.

O grupo de intelectuais que atuou nos jornais e revistas disponibilizaram novo aparato ideológico e filosófico ao Império. Estes pensadores passam a valer-se da razão como sentido construtor do Estado, assim como fizeram os redatores de *A Idéia* no Espírito Santo. Na visão de Mello, o novo pensamento eliminou a tradição baseada na hierarquia do privilégio e na “união trono-altar”, recompondo a construção da pátria por meio da ciência, o que levaria ao progresso (MELLO, 2007, p. 95).

A exibição de autores franceses vinculados as idéias do jornal também é algo a ser problematizado. Semanalmente a folha publicada em Vitória trazia uma

variedade de autores vangloriados ou criticados pela redação. Entre os pensadores franceses mais bem vistos estavam Georges Cuvier, Buffon e Figuier, todos ligados à História naturalista. Sobre o estudo das letras, menciona as ideias de Rousseu, Voltaire e Robespierre.

O jornal também exhibe influência francesa quando cita pensadores restauradores da ciência, como Hugues-Félicité Robert de Lamennais⁹ e seu discípulo Henri Lacordaire, ambos propagadores da união entre a *liberdade* e religião. Até mesmo Joaquim Nabuco em *Minha Formação*, afirma que a obra *As palavras de um crente*, produzida por Lamennais, se destacou quase como evangelho para sua geração no século XIX (NABUCO, 1952, p. 12). Os redatores de *A idéia* também exibiam seus principais expoentes do uso da *razão* na política. Eram eles: Edgar Quinet, Littré, Pelletan e Thiers. Contudo, não só de influências francesas vivia o jornal, posto que brasileiros também faziam parte do arcabouço teórico da folha. Dentre estes, cabe destacar Domingos Gonçalves de Magalhães, precursor do romantismo no Brasil.

Pode-se dizer que não foi somente o romantismo que o jornal *A Idéia* buscou em Gonçalves de Magalhães, mas também sua influência no ecletismo espiritualista por meio da obra *factos do Espírito Humano*, citada na edição de nº8 do periódico. Dentro da corrente do ecletismo, Gonçalves de Magalhães é edificado como um de seus grandes expoentes, participando de todo o processo pelo qual a corrente filosófica logrou em território brasileiro. O Ecletismo espiritualista que tomava como base as teorias de Victor Cousin demonstrou grande influência na literatura e nas discussões sociais do século XIX.

O ecletismo vigorou no Império brasileiro perpassando por algumas fases, mas foi na segunda metade do século que tomou lugar de filosofia oficial, ganhando prestígio da intelectualidade e da elite política (PAIM, 1999, p. 75). Com Gonçalves de Magalhães esta corrente filosófica demonstrou grande harmonia com o romantismo, que influenciou os pensadores da época a formularem a construção da

⁹ Lamennais nasceu em Saint-Malo, França, em 1782. A concepção religiosa de Lamennais indicava a necessidade de um clero bem instruído, o que permitiu t sua influência também na esfera política. Em 1825 publicou a obra *De la religion considérée dans ses rapports avec l'ordre politique et civil*, o que possibilitou algum contato com Auguste Comte nesta mesma época. Para Lamennais, a república na França necessitava de uma religião civil, sendo a base espiritual do regime. Já em 1830 funda o jornal *L'Avenir* juntamente com Lacordaire, onde escrevem *Deus e Liberdade*, pregando a liberdade religiosa, liberdade de consciência e de imprensa (SERRY, 2004).

nação por meio de forma crítica, a fim de moldar o espírito nacional, para que o mesmo pudesse desempenhar sua tarefa histórica.

Os autores atuantes na província durante este período são caracterizados por Afonso Cláudio como os mais “evoluídos”, era o caso de Misael Ferreira Pena¹⁰, bacharel em Direito pela faculdade de São Paulo, que das muitas obras que escreveu, tem ainda posição de destaque entre os autores por ter proferido em 1874 o discurso intitulado *Presente e Futuro da província do Espírito Santo* dentro das Conferências realizadas na escola da Glória no Rio de Janeiro.¹¹

Outra produção jornalística que merece destaque na introdução de nova cultura política na província é *O Cachoeirano*, do proprietário e redator Luiz de Loyola e Silva. No entanto, o periódico escrito pela primeira vez em 7 de janeiro de 1877 no sul da província, manifestava-se um pouco diferente dos jornais *democráticos* de Vitória. Dos jornais recebidos para distribuição na tipografia do Cachoeirano, dois títulos nos chamam atenção. O primeiro deles é o jornal *A República*, publicado no Rio de Janeiro como interlocutor do Partido Republicano naquela província. O vínculo com este jornal evidencia o posicionamento crítico de *O Cachoeirano* com relação a oposição ao governo.¹² O órgão republicano carioca é citado na folha capixaba a partir de argumentos que demonstram simpatia pela às ideias do Partido Republicano [...] *Cujas idéias nascidas da necessidade do povo contra a opressão dos governantes e do esbanjamento infrutífero do tesouro do Estado, estão sendo fraternizadas no espírito brasileiro (O CACHOEIRANO, nº35-09/09/1877).*

Outro jornal que era encontrado na tipografia de *O Cachoeirano* disponível até mesmo para assinaturas era *O Novo Mundo-Periódico Ilustrado do Progresso da Idade*, fundado por José Carlos Rodrigues, e publicado em Nova Iorque, Estados Unidos durante os anos de 1870 e 1879. A folha era redigida em língua portuguesa, e abrigava um conjunto de colaboradores que estampava nas publicações a visão

¹⁰ Misael utilizava o pseudônimo de Philemon, e utilizava suas obras para sátiras e denúncias de abusos aos cofres públicos, o que se tornou notório na escrita de *O Livro negro*. Proferiu ainda o discurso na Libertadora com o título de Deus, pátria e Liberdade, um discurso solene que marcava a entrega de cartas de alforria.

¹¹ Sobre a importância das Conferências da Glória ver Carula (2007).

¹² É preciso afirmar que ainda em 1877 o jornal não se posiciona como órgão republicano, pois esta modificação só ocorrerá em 1888 quando o periódico mudará de proprietário e redator. Entretanto, é visível o apoio ao ideal republicano nas folhas que estavam sendo produzida no sul, diferente dos jornais de Vitória, que até aquele momento divulgavam um ideal “democrático”, mas não expunham claramente o posicionamento político.

dos Estados Unidos como modelo de desenvolvimento para o Brasil, ou seja, o caminho para a modernidade. O periódico ilustrado *O Novo Mundo* é considerado um divisor de águas na tendência literária romântica e nas renovações que ocorreram na década de 1870 nesta área, indicando o rompimento com a concepção romântica e a entrada do Realismo e Naturalismo na literatura brasileira.

É provável que não só as novas características literárias tenham chamado a atenção dos leitores do sul da província, pois *O Novo Mundo* trazia diversas ilustrações, e entre elas estavam várias ferrovias americanas, emparelhadas com outra publicação de José Carlos Rodrigues, *A Revista Industrial*, também divulgada na província do Espírito Santo. Estas publicações disponibilizadas em Cachoeiro de Itapemirim exibiu perfeitas ilustrações das estradas de ferro da Pensilvânia, Estados Unidos (*O CACHOEIRANO*, nº 35- 09/09/1877). Além disso, também é necessário destacar que os anúncios do jornal americano traziam diversas peças e maquinários para a composição de estradas de ferro e locomotivas, como, por exemplo, bancos, balanças, etc. (*O NOVO MUNDO*, nº79- Julho de 1877). Ou seja, a leitura do jornal enfatizava ainda mais o ideal de progresso divulgado pelos americanos e o sonho tão esperado dos capixabas: uma estrada de ferro.

O ideal de progresso levantado pelo periódico defendia que [...] *para cada época da evolução progressiva de um povo, a lei também deve ser [...] uma lição que instrua, que eleve e prepare os cidadãos para uma época melhor*. Sendo assim, uma nova Constituição deveria acompanhar a marcha dos brasileiros para o progresso. Para o redator, progresso e democracia juntos, faziam parte do novo momento político. Deste modo, o conceito de *democracia* foi concebido a partir da ideia de igualdade e equilíbrio (*O CACHOEIRANO*, nº13- 01/04/1877).

Considerações finais

Por meio da análise dos jornais que circularam na província do Espírito Santo em meados de 1870, percebe-se que a crise do Império foi propagada a partir da visão da Monarquia ligada ao atraso, enquanto a República viria posteriormente como o portal para a modernidade. Diferente das concepções já estudadas acerca da modernidade, a imprensa provincial demonstrou entendimento bastante específico sobre este conceito. Para a nova geração que propagava a crise do

Império, o progresso era romper com algumas bases resistentes do passado, como, por exemplo, a escravidão e a falta de instrução.

Por volta de 1870, ocorreu, portanto, a transição de linguagens, fazendo com que a dinâmica política entre liberais e conservadores fosse invadida por novas práticas políticas e novo vocabulário marcado pelos conceitos de progresso e modernidade. No entanto, mesmo dispondo de aparato tipográfico e meios para divulgação, a cultura política vigente nos anos de 1870 na província do Espírito Santo ainda não abrigava a propaganda republicana. Percebeu-se, ainda, certa diferença deste período vivido pela imprensa na região sul da província, onde a linguagem política parece ter sido mais incisiva em prol das críticas e do apoio ao partido Republicano. O jornal do sul parecia proclamar sem medo a necessidade da descentralização e da liberdade, enquanto a capital permaneceu no debate sobre a ciência e a razão.

Além disso, identificou-se que a linguagem do progresso foi relacionada à modernização do aparato político como as mudanças na Constituição e a demanda por democracia. Além disso, a modernidade para a província do Espírito Santo também significava o melhoramento das vias e do transporte, pois a província enxergava na construção de uma estrada de ferro o ápice do progresso, facilitando a comunicação com outras localidades do Império. Entretanto, todas essas mudanças pareciam apontar para um único referencial: o de que a República era a tão sonhada modernidade, enquanto o Império era a calcificação de um passado sombrio.

Sobre a autora

Karulliny Silverol Siqueira. Professora na Faculdade Saberes e na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo. Doutora em História pelo PPGHIS-UFES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação primária impressa

A Actualidade

A ideia

Gazeta do Comércio

O Echo dos Artistas

Sete de Setembro

Obras de apoio

- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BARATA, Alexandre Mansur. A Maçonaria e a Ilustração brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 78-99, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbo- sa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Obras escolhidas, v.3)
- CARULA, Karoline . As Conferências Populares da Glória e a difusão da ciência. *Almanack Braziliense*, v. 6, p. 86-100, 2007.
- CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem/ Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GUERRA, François-Xavier; LEMPERIERE, Annick (Orgs.). *Los espacios públicos en Iberoamérica: Ambigüedades y problemas. Siglos XVIII–XIX*. México: Fondo de Cultura Económica / Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998.
- HUINZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.
- MELLO, Maria Tereza Chaves. *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV/Edur/anpuh, 2007.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: HUCITEC, 2005.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Prefácio de Carolina Nabuco, Rio de Janeiro: São Paulo-Porto Alegre: Jackson 1952.
- PADILLA, Guillermo Zemen. História, experiência e modernidade na América Ibérica, 1750-1850. *Revista Almanack Brasilense*, nº. 07, 2008.

PAIM, Antônio. *A Escola Eclética*. Estudos complementares à história das ideias filosóficas no Brasil. Vol. IV. 2ª Edição Revisada. Londrina: CEFIL, 1999.

PANOFSKY, Erwin; BALSEIRO, María Luisa. *Renacimiento y Renacimientos en el arte occidental*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

PEREIRA, Heráclito Amâncio. História da Imprensa Capixaba. *Revista do IHGES*, n. 3, 1922. p. 28.

PÓVOA, Pessanha. *Revista Dramática*, n. 6, 10 de junho de 1860, p.22. In *Revista Dramática*: São Paulo, 1860. São Paulo, EDUSP, 2007.

SERRY, Hervé. Literatura e catolicismo na França (1880-1914): contribuição a uma sociohistória da crença. *Tempo soc.*, São Paulo, v.16, n. 1, p. 129-152, jun. de 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIQUEIRA, Karulliny S. *Os Apóstolos da Liberdade contra os Operários da Calúnia A Imprensa Política e o parlamento no embate entre Liberais e Conservadores na Província do Espírito Santo, 1860-1880. Dissertação de mestrado*. 2011. Universidade Federal Federal Rural do Rio de Janeiro. 2011.